

uma autobiografia

# NÓS QUE ADORAMOS UM DOCUMENTÁRIO

ana rüsche



Projeto realizado com o apoio do  
Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Estado da Cultura  
Programa de Ação Cultural - 2009

Autora: Ana Rüsche  
Editora: Ourivesaria da Palavra  
Imagem da capa: um pedaço de vestido meu  
Arte e diagramação: Felipe Brumatti Sentelhas  
Revisão: Maiara Gouveia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP) Lei nº 10.753/03, art. 6º

Rüsche, Ana  
Nós que adoramos um Documentário, 1ª ed.  
São Paulo: Ana Rüsche, 2010.

“Edição com Apoio da Secretaria de Estado da  
Cultura Governo do Estado de São Paulo”.

ISBN: 978-85-905632-3-5.

1. Poesia brasileira I. Título

CDD 869.91

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

No ano de 2017, esta obra estará em domínio público.

Contato com a editora:  
editora@ourivesariadapalavra.com.br  
www.ourivesariadapalavra.com.br

Contato com a autora:  
anarusche@gmail.com | www.anarusche.com

## CONVITE AO DESCAMINHO

Esta obra foi imaginada absolutamente em páginas brancas. Aqui, há inclusive um convite expresso:

- Caso queira escrever uma outra autobiografia nestas folhas, eu ficaria muito feliz em recebê-la.

Veja como não ficam charmosas as anotações pessoais neste papel! E como não são estranhas as relações entre quem escreve e lê, nas beiradas do século 21.

Caso decida, então, me confiar tuas impressões rabiscadas neste livrinho, por gentileza, siga a respectiva rota.

No dia 14 de outubro de 2010, este descaminho perde qualquer validade.

: tornar-se-á, finalmente, apenas um poema.

## DESCAMINHO – A ROTA

a) Envie este exemplar de *Nós que Adoramos um Documentário*, com tuas anotações, até o dia 14.10.2010 (data de postagem), para:

*Ana Rüsche*

*Caixa Postal nº 11205*

*CEP 05422-970 | São Paulo (SP), Brasil*

*Válida até 30/12/2010*

b) E avise por e-mail: [anarusche@gmail.com](mailto:anarusche@gmail.com), assunto da mensagem: “Descaminho”.

c) Se vc me disser, ainda, qual o teu nome e endereço, prometo enviar um exemplar novinho em folha em troca.

Observações em letras miúdas:

- Não devolvarei livros enviados, sim?
- Não publicarei nenhuma anotação tua sem permissão expressa.
- Sou a única soberana para decidir qualquer contenda que possa surgir dessa tentativa um tanto quanto absurda.

E, agora, tecemos um pacto  
: presenteio-te com biografia minha falsa e vc me repõe com tuas mentiras.

- *poetas são sempre uns exagerados.*  
o daud não se cansa de repetir



## I. Município de Ubatuba, janeiro de 1983





## **a folha**

sempre achei meio idiota isso do Anchieta  
ter escrito o poema na areia e agora tem,  
em qualquer azulejo, o nem-sei-qual-o-poema  
dele

aí muito mais tarde descobri  
que muito nome tem ana escrito por dentro  
e que se o branco são todas as cores juntas  
isso daqui nunca é vazio  
é mais uma gritaria tão grande que vc nem  
consegue enxergar.  
tenta.

### testemunha nº 3

sou é a menina cor-de-rosa e passo hipoglós no nariz

quando não chove, marca de tribo selvagem, uns surfistas.

a menina-cor-de-rosa usa um chapéu tão grande e fica lendo gibi na cadeira, morre de medo dos meninos bonitos, com hipoglós tem medo, que eles a olham muito. eles enxergam através dela, como se fosse uma água-viva em água muito limpa,

as paredes de seu corpo translúcido e transparente, eles nunca a enxergam.

mesmo com aquele chapéu tão grande como quem volta da guerra nas roupas do inimigo.

e a menina cor-de-rosa queria logo o fim das semanas, o fim do mundo, e se ameaçava nas histórias em quadrinhos.

nos pés sem hipoglós, umas queimaduras, de tanto aos chutes fazer a areia branca cantar.





## testemunha n° 1

era vitória e não ana  
como uma filha da ilha e não com esse nome de  
avó.

olhe, aquela ali, a menorzinha,  
uma tartaruga no horizonte, a mais escura,  
está vendo? é que hoje  
o dia está bom e dá pra ver o longe.  
semana passada nem se via.

o meu marido então era o pirata  
quando moço, uma canoa virada cheia de  
tintureira  
pegou a perna, rolou na arrebentação como os  
dentes.  
pirata é coisa do mar. já o pai é quem corta canoa,  
enfurnado no mato, guapuruvu, se der sorte,  
isso de proibir de tirar o cedro.  
mestre canoeiro que se preze morre de medo de  
mar.  
eu também enjôo, fico aflita, sabe?  
deus não me deu filho, nem destemor.  
e a gente vive assim, o que não é morro é braçada  
de mar.

turista é que não gosta quando chove  
mas chove  
uma bênção isso de lavar o barro, chove por  
dentro da gente  
ligo não que deus não me deu filho  
o pirata nem diz nada. ele fala bem pouco  
só quer a canoa e um dia  
e a gente fica aqui com esse monte de morro nas  
costas  
chove, turista não gosta, mas eu gosto.  
esconde aquela ilha que te falei.

## testemunha nº 2

seria fernanda de arruda botelho e não ana erre  
e voltaria para são paulo toda semana.

agora, imagina isso, o caçara me entrega  
o cação, tintureira, sei lá, agora enrolado num  
pano?  
esse pirata, vou te contá. errei tudo, os meninos  
comeram  
é macarrão vendo tv.

uma cadela escolheu a varanda de casa  
pra ter filhotes. chorei o dia inteiro, depois dessas  
férias  
voltarei a trabalhar, emprego mesmo, sabe?  
não dá pra depender de marido, nunca vi. e tastei  
na praia  
dei o peixe pra vira-lata.

os meninos andam malandros, gritando umas  
coisas lá  
pras meninas na praia. fico rindo, a gente tem  
orgulho  
dos que crescem. cuidei sozinha igual a vira-  
latinha





#### testemunha nº 4

essa nunca foi eu, ana. mas sempre quis.  
a menina dos olhos amendoados também não  
tirava a camiseta.  
a outra-menina caminhava miúda, fingindo  
conchinhas imaginárias  
na faixa molhada, escura. os meninos idiotas já  
gritavam japonesa nadadora  
nada de peito, nada de bunda, era nem era nada  
daquilo, mas não sabia  
queria é ter logo 60 anos e ser a mulher que anda  
com a mão pra trás.  
minha avó só fala num português errado e fez  
bolinho de chuva  
ela tá chamando. era bolinho de arroz, mas  
esqueci. vou fingir  
63 anos, ando com a mão pra trás e não entendo  
nenhuma palavra de português, nada.



## testemunha nº 2, bis

aqui só chove. e os meninos ficam chutando  
pedra  
dando umas voadoras, sei lá o nome. tô de férias,  
sabe?  
mas só chove, o marido subiu pra trabalhar

o pirata me falou outro dia que, de tanto olhar  
folha de amendoeira no chão, dá pra ver  
o pôr-do-sol.

hoje o pirata disse que tava vendo o pôr-do-sol  
nos meus olhos. é isso, tô sempre triste, fumada.  
mas  
eu não gosto de homem caiçara não  
disso eu não gosto, pronto, já decidi.

## testemunha n° 1, bis

minha mãe prepara o melhor azul-marinho  
aqui é tudo barriga-verde de comedor de peixe  
com banana  
queria é ser igual turista e tomar sol na praia  
eu nunca vou pra praia, nunca comprei biquíni,  
fica feio  
à noite, as ondas abrem um sorriso, onda dá  
risada sim  
mas não posso ficar assim à toa, vão dizer que tô  
falada

a turista ali vive chorando à toa, não sei, essas  
coisas  
a gente guarda pra gente essas coisas  
vivo pedindo pra deus um filho  
um moleque de barriga-verde, mas não vem não  
a culpa é do pirata que só pensa nas morena que  
vem de fora  
e vai chover o mês todo, ah, se vai, pra ver essa  
gente  
tudinha ficar trancada dentro de casa, aí eu quero  
ver

## testemunha nº 4, bis

a outra-menina, a de olhos amendoados dobra os jornais velhos  
vinca o quadrado, suja as unhas de preto e corta bem  
em pássaros, sapos que pulam, pulam, pequenas flores  
nunca descobriu origami pro sol. as mulheres bonitas  
nas propagandas de filtro solar esquentam suas mãos  
com a tinta escura.

fez mais um sapo.  
faria é um exército de sapos, eram tão silenciosos,  
tão estampados  
de letras, um exército só pra ela. bem grande.  
ainda tinha uma pontinha  
de medo das princesas que a fitavam sorrindo o  
filtro solar na pele seca  
dos sapos de papel





### testemunha nº 3, bis

a menina cor-de-rosa colecionava as folhas  
imensas  
dos chapéus-de-sol. que a turista chama de  
amendoeira  
não sou nenhuma delas, sou todas

no dia seguinte, quando chove muito, toda a rua  
tem  
um monte de riacho, vão se formando entre as  
pedrinhas do barro  
quando a folha cai da árvore, carrega um pôr-do-  
sol  
e elas viram canoas  
e pensa nos nomes de cores – ferrugem, lilás e  
amarelo solitário  
os olhos da menina cor-de-rosa ficam vermelhos  
como as folhas  
se distrai fazendo pé de monstro na lama e a noite  
pesava coração adentro  
chove tanto, né? chuta. é sempre assim.







## O Grande Plugue

À nossa geração nunca nos foi permitido ver o mar pela primeira vez.  
Ele sempre esteve adentro, reluzente, o grande igual que nós mesmos

Rogamos tanto às noites que se faça novamente o escuro  
mas quando as preces são atendidas  
é só uma ilusão dos trouxas, uma ardentia nos olhos e  
o mar esbraveja aqui dentro, monstro comedor de rocha

Já nascemos umas baleias mórbidas  
pobres diabas afogadas neste papel de luz  
E é tão mesquinho de pequeno o desejo

A gente só queria ver o maldito mar  
por favor,  
pela primeira vez.



## II. Município de São Paulo, outubro de 2009



## são esses dias de lua

I.

mas a escola não fixou na nossa cabeça as capitais  
do mundo  
digito capital honduras  
logo resultados de notícias para capital honduras  
logo Cresce pressão para o retorno do presidente  
logo Tegucigalpa isso da infância decorada à  
força  
digito capital iêmen  
logo Mundo - Iêmen diz que avião que caiu no  
Índico  
logo Os passageiros fizeram então uma escala em  
Sanaa  
não nos recordamos, o Iêmen não existia na  
quarta-série  
e jogam toneladas de flores no Atlântico ao avião  
da tal da airfrance  
para que Iemanjá feche os olhos de quem já  
dorme  
para que Iemanjá pense que é ano novo  
novamente  
- Venha cá, Moonface  
não se vá

diga-nos mais uma vez teus passos de lua  
 mais uma última vez que somos o mundo  
 que somos as crianças que você tocou  
 this is thriller, this thriller night  
 o bumba-meu-boi se foi seco  
 o boi da cara preta agora se pintou  
 carantonhas da ternura branca  
 Diga-nos mais uma vez que somos o mundo  
 Baleias sonham tristonhas  
 queria muito voltar às estrelas  
 hoje nem mais vejo nenhuma  
 além-teto, além-nuvens sujas  
 mas ouço as pequeninas na constelação  
 abóbada do crânio, me chamar aberta  
 meu cérebro então flutua como um bebê  
 alienígena com desejos de casa, de conforto  
 paira como uma arraia-jamanta no azul profundo  
 o coração bate alhures, só que parece sempre  
 tarde  
 muito tarde a um embrião já nascido longe  
 às pernas, que lembram árvores,  
 receitaram condutores de luz  
 mais luz e ainda abriram as janelas  
 mas não adianta, nada adianta  
 se a abóbada cede aos escombros de sangue  
 e há novamente uma tempestade  
 a te comer útero a dentro



pq a vida é sempre quem guarda a melhor fome  
a lambar os próprios planetas em luz  
cantam todas estrelas e voam, voam  
por favor, Rainha, nos faça todos em ano novo  
novamente  
no seu mar, esse tão branco, tão cheio das letras e  
respostas  
dígito Rainha, logo os resultados são tão  
estranhos, apócrifos

## II.

chove e eu queria que me internassem  
aí vc iria me levar uns docinhos, pra mim  
, me visitaria com a frescura dos que podem ir  
desejaria: ei, sorte na vida!  
entretanto, foram os teus responsáveis  
: me proibiram que entrasse  
e logo deram ordens  
aos homens de branco e de preto.  
agora, nem sei mais  
levei sempre chocolates às quintas-feiras  
sempre roguei pelamordedeus  
ai, jesus amado nessa hora de aflição  
na certeza que foi a enfermeira quem comeu os  
docinhos.  
e nem sei mais se tivemos um nome  
nem se fomos um dia qualquer tipo de coisa  
mas estacamos ali, porta muda de duas faces  
rabiscando nossas iniciais  
umas letrinhas na lata dura  
até que parasse essa sempre hora de chover



### III.

caminhava por onde não devia  
em hora ingrata, coisas que surgem  
coisas que acontecem, que criam vida  
já morta e te engolem mastigadinho  
e vc caminha por onde não devia  
com aquele medo idiota de vítima de uns  
trocados  
tua sorte está na avó das tempestade essa noite  
toró que assopra o frio onde jamais haveria  
soterra os trópicos e suas felicidades em água  
negra.

agora patinando nas poças que crescem em  
agressivos  
vazios de câncer, metástases do esquecimento  
fuligem  
nenhuma malfeitora agora colocaria as mãos em  
vc  
poderia cruzar intacta uma torcida enraivecida,  
com seu ônibus a naufragar num ódio estranho,  
caminharia entre árvores escurecidas e lameosas  
escuridão tão inócua quanto a nota de um real  
quando nunca mais circulará, moeda fora de um  
país  
mas que veio do pó dos ossos serra pelada

que comprará pó de osso branco de menino que  
avoa, aviõezinhos  
os seguranças também voam, voam rasantes em  
capas de chuva  
os únicos que realmente sabem o que significa  
um terno preto

daí você caminharia por onde não devia  
a tremeluzir de frio e segura, tão segura na sopa  
de água negra  
mastigando os dentes e bendizendo a sorte  
e agradecendo, agradecendo, a gente tem que  
sempre agradecer



## **as conhecidas**

só me dizem agora de seus outros  
: os chefes, os provedores, os bebezinhos

e com soslaios obesos e encontros pouco  
calóricos  
dizem duns anos bons  
que mal me lembro, esqueci de dia  
comentam de sobremesa  
- ah, ana, só você mesmo.  
minha vida é de história em quadrinhos  
(embora eu a leve bem a sério)  
não sou feliz, sou triste  
e tenho um cachorrinho.

obs.: o dirceu me disse que também prefere uma vida de história em quadrinhos. daquelas de receber o tiro e ficar sem cabeça, no lugar dela, só fumaça, sabe?



## **us abdome total**

Desliza estrelas pela minha barriga gelada  
e melequenta igual a de uma sapinha mirim,  
ele mira as formas indizíveis na tela do outro lado

mão no mouse cheio de gel pelo abdômen da  
paciente  
outra mão e olhos no quadro negro  
surgiam pontilhado e logo constelações  
pulsantes, fórmulas matemáticas  
e então os órgãos, as canções de anjos dentro do  
umbigo, o terror das coisas da terra e tantos  
outros assombros incríveis

Nunca pareceu se maravilhar.  
Daí, fiquei com vergonha da pergunta pro  
médico, engoli o dia



## **o jardim dos meus quatro pontos cardeais**

passei ali pela frente muitas vezes  
até pensei em tirar fotos, em pegar um crachá na  
recepção  
visitar a maternidade, ver os nenês serem  
protocolizados  
: carimba-se o pezinho com preto, num  
prontuário, para ser certificado  
desde muito pequenino, organizadinho, sim, eu  
já vi isso, já tinha visto de tudo

mas nunca havia entrado no jardim da capela  
lá há flores, uma rosa dos ventos no chão,  
mosaico azul,  
da mesma forma como esculpirão mais tarde em  
minha barriga  
os pontos cardeais, no jardim, onde os ventos são  
parados

mesmo sem saber nada disso, percebi que, para  
estar ali, entre as flores,  
sem escutar os carros ou o vento na franja na  
cara,  
percebi que para ter o direito de pisar ali e estar  
tranquila

havia de passar algo.  
algo muito extremo.  
silencie.  
ouve, menina, a gente tem sempre que agradecer.

## **veja, foi um delito involuntário**

mais tarde, as provas apontam que caí do 54º andar  
do meu próprio edifício.

veja, nem sabia que eu possuía um prédio  
ou ainda que existiriam leis, quedas e voos  
abortados  
agora sou o coração quebrado, ombro infiltrado  
e furos na barriga – uma pirâmide  
umbigo, ovário esquerdo, ovário direito –  
três pontos que, com o quarto imaginário, logo  
seriam os cardeais  
uma mini-crucificação, prática e portátil  
que levaria comigo sozinha  
não mostraria para ninguém  
não levantaria a camiseta ou abaixaria o zíper da  
calça  
silenciaria sobre qualquer indício  
até os pontos desbotarem, até serem invisíveis  
ficarem adentro e mais adentro  
mais um desses passados contraditórios

as provas apontam que caí do 54º andar  
do meu próprio edifício

e eu fico quieta, nessa sabedoria idiota de não  
gerar  
de não gerar de não gerar  
mais nada contra si mesmo

## num quando

a cirurgia foi um after hours, mas estou acostumada a ir dormir tarde acho que os médicos também, tão animados fui sim até o centro cirúrgico bem acordada e fiquei acordada, sinto a hack entrando entrando...

ainda ao longe, bem corajosinha. uma conversa sobre qualquer coisa, luzes nos olhos para que me sinta bem iluminada, bem disposta de súbito lembro que não fiz depilação, e isso me envergonha mortalmente seria tudo filmado e colocado no youtube da faculdade de medicina, ririam de mim mas tenho que explicar – foi de urgência a cirurgia, não houve tempo nunca há tempo para nada nessas terras, apenas para ficar ali, suspensa e, afinal, não tenho namorado, foi uma urgência, acontece

no início, me estacionaram com o carro-maca ao lado de um cara paciente também podíamos até começar ali um romance, lembro de ter desejado ao final “boa sorte, moça”

e isso acabou já com tudo, que bobo  
ele morria de medo, ia retirar uma pedra do rim e  
não se rendia a dormir  
eu logo disse, ah, comigo também pensaram que  
era cálculo renal, pela dor,  
mas depois bem viram que era uma laranja na  
barriga que eu tinha...  
de súbito lembro que removeram o cara paciente  
com seu carro-maca e com seu medo  
e fiquei pensando num poema do zukofsky, sobre  
uma laranja e o sol e a letra a  
estava já chorando, desesperada por estar sozinha  
e confundindo os poemas, estar tão sozinha,  
e a dor, bem, isso é com as mulheres







## depois

meu cãozinho não sai agora de meus pés  
ele sabe toda a história, e assim nem passear  
longe vai  
nem sai e já retorna, preocupado, passa visita de  
hora em hora  
lambe minhas faces e olha sisudo quando me  
mexo muito  
era um filhote, mas já cresceu, isso de ser  
pequeno passou  
ele me traz preciosidades – cenouras, ossos  
artificiais, panos e canetas  
nunca se afasta nada. e late bem bravo aos maus  
sonhos que se avizinham

## antes do depois

é bem bonita a vida  
embora seja bem burrinha, quase não aprende as  
coisas,  
quando te interna numa maternidade num  
corredor  
onde, em todas as portas, são penduradas  
bonequinhas com nomes,  
nomes de luz, Luiza, e camisetinhas de futebol  
com times pré-determinados  
e flores, quantas flores bonitas nas portas do  
corredor  
logo avós com máquinas fotográficas, pais  
responsáveis  
a carregar trouxinhas ora azul ora rosa, avôs  
durões chorando  
quando te coloca num quarto lindo e cheiroso  
com um bercinho dentro, cor-de-rosa choque,  
seria menina  
tão bonita, muito tranquila, ia chorar só um  
pouquinho e dormiria, anjinha  
quando te insere em todo esse engodo terrível até  
a freira bondosa perguntar  
- e o teu bebê?  
e vc responder, eu não tenho nenhum, vim só

para retirar a tristeza inchada de dentro,  
eu tenho é um cachorrinho.  
nem perguntei se a resposta serve.  
a gente tem que, menina, é agradecer.

## **dias com luz. pouca**

I.

quando se é noite, nos todos os dias do coração,  
e os cobertores dançam nas ruas como cabides de  
meninos,  
uma mão é um ninho, de cachimbo e dureza,  
é o que aninha o silêncio da pedra

ainda é o que aninha o que nunca conheço,  
palavra

tenho bem medo dessa noite, tranco-me em  
algum lugar, é a violência  
medo desses dias em que todos os corações já são  
escuros

aninho-me no meu cobertor que já não dança,  
doente do pé,  
é a preguiça, sabe? também tem isso, um cansaço  
de aspirina,  
uma vida besta de pedra opaca, a que tudo se  
volta em volta

## II.

vim com a roupa errada

acho que foi isso, nem estou bem certa,  
saí correndo de casa, é um apartamento,  
veja, por lá não há um bebedor de pássaros,  
e os feijões sonham algodõezinhos, entra um  
risco

me desculpa, vim bem mal vestida e nem sei onde  
vim parar  
apenas saí, é um trânsito, veja, é sempre muito  
trabalho  
e agora, quanto mais te fito, um cisco, sei que  
nada vale,  
nem é a alma, nem isso de ser pequena,  
é a falta de sorte, te juro que é a pura falta de  
sorte.





### III.

eu sei exatamente o quando  
da flecha que encrava e inflama  
ali no teu amiguinho querido  
eu sei precisamente o onde  
de minhas mãos e a certa chega ao alvo  
- ouço o estampido seco, plá!  
que cala as canções de outrora no fone de ouvido

conheço os cegos que me procuram tanto  
sei o gosto das palmas que me suplicam moedas  
mas apenas tenho nos bolsos a pobreza  
de uma moeda fora de seu país  
e sou terrivelmente infeliz  
se a cobra é imune ao próprio veneno  
e sou inteiramente cega à cegueira dos outros

ainda me pediram à srta. artista outro dia  
- dê o alarme de incêndio.  
mas não era mais necessário. ninguém precisa de  
um sr. ou sra. ou srta. artista.  
todos já sabiam. ninguém se olha. e concentrados  
nos seus afazeres,  
todos seguiam, seguiam às alturas

#### IV.

existe sim é uma cidade que está sempre escura  
eu não a conheço  
nunca lá estive

são círculos concêntricos escuros que reverberam  
das marginais,  
das iluminações encanadas,  
reverberam em círculos concêntricos até  
chegarmos a uma área  
de luz fraquinha, azulada de televisão e  
existe uma cidade lá fora ao longe  
lá um dia existiu muita gente. agora é um centro  
de negócios

está sempre escura, mas às vezes a ouço ofegante  
entrando pelas minhas janelas do sono  
degolando criancinhas,  
ajeitando cuidadosamente os pais mortos na  
porta da escola  
para que deem o exemplo e fiquem todos em  
silêncio

não vi, não ouvi é a regra de qualquer casa no  
terceiro mundo

por isso eu digo que não a conheço  
nunca estive lá  
esqueci que existia isso logo hoje, eu te juro, peço  
desculpa.

## buganv, o quê?

então vc me perguntara se um dia passa  
não, não passa, nunca passa  
nem adianta escrever romances  
assim como primaveras não são flores  
são folhas travestidas, uma espécie malandro  
brasileira,  
buganvílias, assim como as três marias  
são estrelas e não meninas, cirandam no signo de  
maio  
que não é nem o mais cruel dos meses.  
eu juro que sinto, sinto muito, sinto tanto,  
mas nada passa, nada muda,  
nem tira dessas primaveras o privilégio de se  
fingirem  
flores ou uma estação do ano de um hemisfério  
mais chique  
nada tira dessas primaveras serem a moldura rosa  
choque no leito do teu amor que um vírus  
um dia levou e trouxe rugas e romances em troca  
nada nunca tira do passado o que é dele próprio  
então eu te digo  
por isso há que se dar um caminho  
que só se faz a andar, isso sempre tão insuportável  
e te dou um maço das malditas buganvílias

que na verdade são apenas folhas meio pintadas  
meio enganadoras, para que vc  
me diga, por favor, me diga que está melhor  
que vc está melhorzinho  
que nosso dia é de sol mais cálido e se pode rir  
um tanto  
no fundo as buganvílias, meu amigo,  
são uma espécie de três folhas juntas para testar  
nossa capacidade  
sobre como sobreviver a flores e futuros

Poema dedicado ao Alberto Guzik. Entreguei-lhe o poema acompanhado de flores de primavera, as tais buganvílias, após a sessão do *Monólogo da Velha Apresentadora*, ali na Praça Roosevelt. Isso foi em maio de 2009. Maio pode ser um mês muito difícil. 2009 pode ser um ano mais difícil ainda. Mas tudo passa, mesmo esse 26 de junho de 2010. A saudade é a de rir contigo.

## os papéis

e assim ficamos  
como tudo, como sempre  
esse ever unfinished business  
sem a coragem dum chefe da máfia pra te apontar  
na rua as vias de fato

como tudo e como sempre  
with so much love  
esse isso tão difícil, a kind of rush  
um compromisso com algo mais terrível do que o  
amor  
o arrastado passar dos dias





## **culinária doméstica**

agora, na televisão, o rio é azul.

com as mãos e com carinho  
tiro todos os ossos de um frango de quarta-feira.  
entre as carnes, logo adivinhei umas  
asas de anjo submersas, plumas brancas  
e então podia ler os futuros mais profundos  
naquelas entranhas

: eram motoboys, que em seu orgulho de  
cachorro louco  
mal batem no asfalto e já voam voam como anjos  
decaídos  
e lá dos altos das estaias, na grande ponte do  
rumo ao sul  
marca-se um x, marca-se um x  
no teu coração  
para que todos vejam o que não tem nome  
o rei posto, o deus morto  
o x dos que se foram sem merecer designação  
dos que não sabem a assinatura  
para todos lembrarem que nunca se nomeia o que  
não há nome  
como tantos meninos a voar, furando os futuros

agora aqui na cozinha, da televisão, o rio é azul.

como azuis são as janelas de meus vizinhos ao anoitecer  
de onde avisto que cada prédio da cidade guarda  
um pequeno cadáver  
um útero, cemitério de bichos de pelúcia  
desdentados,  
cadáverezinhos dos que morreram erguendo  
fundações  
uma cidade vasta de edifícios, horizonte  
estuprado, rei posto, deus morto  
construtor que um dia espancou a namorada,  
amaldiçoado pela boa sogra  
foi afogado numa cratera imensa entre linhas de metrô  
e hoje elas fitam fitam os grandes monumentos  
refletidos de azul e não veem homenagens  
nem um nome, uma designação, nada  
agora aqui na cozinha não há palavras, nem  
presente, nem futuros  
tem dias em que a gente simplesmente não está  
com fome  
e nem espera ninguém pra vir jantar.  
fico olhando longe, enfasiada  
ninguém me engana sobre a cor do rio de minha  
aldeia.





## **mesmas duas**

pra variar, ela rondava e rondava a sala com seus  
vermes dançantes na cabeça  
e ela ia trabalhar com seus fonezinhos de ouvido  
balança o pescoço, no seu último dia do mundo  
tão claro, com meus céus de deserto

ela vinha comer quando era o já está na mesa  
e ela cozinhava sopa de macarrãozinho com letras  
comia as próprias lágrimas, do seu último dia do  
mundo  
tão altos os traços nos meus céus de deserto

ela simplesmente não se importava  
e ela acordava todos os dias  
rezando que logo escurecessem  
aqueles céus, tão claros, tão nítidos, tão altos

## **anotação**

esse amor demais vai acabar te matando, ana  
escuta, presta atenção  
vê se espreme esse coraçãozinho  
pra ver se surgem um par de bolas embaixo  
vai ser homem na vida  
e para com isso, essa coisa toda,  
essa bobageira.

tem dias que a gente só quer  
que nos tirem para dançar.







**(livro de poema sem poema de amor não é  
livro)**

É tarde, dia claro, e num repelão há uma  
tempestade lá fora  
'Que barulheira' e me beijas  
Te beijo tanto, 'eu gosto de tempestades'

Amendoiras japonesas alastram-se pela cama  
em pink, em preto  
É calor e chove-se tanto, nos lençóis, pelas tuas  
costas ensolaradas  
Dormimos mais meia hora, agora já queria mais  
um dia, plis, mais uma noite, por favor.  
Percebi que a chuva desbotou meu cabelo e todos  
os meus hematomas colecionados na semana  
- com a tinta escorrida, logo brotaram minúsculas  
flores roxinhas no flanco dos travesseiros,  
essas pequenas tatuagens do acaso

Sonho tanto que te explico meu sonho. Você já  
se foi, economizo um beijo.  
Na rua, foi ao chão a árvore de 6 metros de altura  
e 20 anos de comprimento  
orvalhando de folhas minúsculas carros, valas, a  
gente velha fofoqueira, os vizinhos torcedores

domingo é um mesmo dia para tombar e já se  
remover - caminhões, a prefeitura  
Telefone: Você viu a árvore que caiu?  
Agora são quatro-e-meia,  
a tarde já se acabou pela metade, o dia se perdeu  
do prumo  
Domingo é um mesmo dia para adoecer e já se  
recuperar

Ainda às 19h40min te mandei uma mensagem,  
voe bem, voo contigo  
Estendo o bilhete da sessão do filme qualquer, o  
leitor vermelho apita.  
Seguro medrosa a mão invisível da saudade. Teu  
cheiro, meus cabelos, suspiro.  
Adentro ao escuro.





### III. Município de Ubatuba, janeiro de 2037



## **whiteout**

(sinto que houve  
uma chuva de estrelas cadentes na pele  
mas é tanta cidade iluminada que não se vê mais  
as constelações  
que desenho para meu amor, minhas rotas de  
escuros)  
fui eu quem fiquei com os últimos cães da  
matilha  
que por amizade são os únicos que desembestam  
o trenó,  
agora que não podemos mais andar.  
fomos nós os abandonados quando a base se  
fechou  
para este inverno grosso  
de ouvidos cerrados de gelo essa verdade entra  
no degelo da cera dos teus ouvidos  
agora é essa tua mão  
direita que desliza cirurgicamente fria  
e move algo nessa tela  
onde esculpe e escarpela novamente  
minhas brancas estalactites cravejadas de dores  
sem me tocar  
você que me lê agora,  
onde estive por todos esses dias cegos?  
(make a wish)





## **eu própria sou a vida no outro planeta**

I.

Ontem, quando o mundo ainda não existiu  
eu era triste, as câmaras do meu coração tão  
abandonado

naves de todas as catedrais de santos impassíveis  
sentei e chorei

onde nem mesmo havia um lugar.

Ontem, sentada onde não havia lugar

assisti a todos os atrasados remexendo  
remexendo o café

quando ainda o mundo não existiu.

O café é preto como essa noite em que me banho  
quente

é preto por todos nossos escravos não fugidos  
e nunca há leite suficiente.

Pedimos porque essa poça negra não pode  
esperar.

E vem, pelando, amargo que dói

não te deixa mais dormir

plenamente desperto neste quando sem nenhum  
mundo

O coração bate, bate

Nunca por mim, eu nunca realmente existi na

frente de ninguém  
Nem os afogados que te olham do fundo dessa  
xícara de café.

## II.

Neste quando sem mundo nenhum  
uma mulher me cortou o ventre de pequena  
queria me secar para virar amuleto  
espantalho com cabelo de espigas de milho.  
Quem pega na cabeça é o dono do defunto  
mas tem alguns defuntos meninos que tremem  
tanto  
tanto, que nem mais têm cabeça, só coração  
e por isso ela cortou é o ventre do peixe  
queria ali bisbilhotar meus futuros  
na barrigada da peixinha pulsando  
da vida que já não foi.  
Morri com o peixe.  
Duas vezes e ainda uma terceira  
apunhalada na barriga sem outros dias de futuro  
E ela fez isso com todas as outras  
a conceição, a consolação, a facuda.  
Chorei até acabar  
Nunca acaba  
até hoje todas ficamos assim meio que cortadas  
ao meio  
quando o mundo ainda nunca existiu.

### III.

Ontem, antes do almoço, quando o mundo ainda não existiu  
preparei a carne branca com todos os cuidados que se deve ao futuro  
separei a espinha, pente das sereias no fundo da lata do lixo  
amigas das formigas, separei as escamas e a pele cinzenta prata  
para os gatos que procuram um fundo na lata do lixo  
e miam como sereias, rabos aveludados como as algas do fundo do mar  
para as formigas, separei minha boca, que amanheça cheia delas  
neste dia em que o mundo ainda não existiu assim nos poupamos das besteiras.  
Salguei toda a carne, minha própria, no corte profundo da barrigada  
a minha, com amor marinada  
olho para a brancura infinita, com lascas cor-de-rosa transparentes  
procuo os futuros onde ainda nem existe mundo no lixo, entre as formiguinhas, meus cantos desperdiçados a uns gatos sarnentos miseráveis

#### IV.

Ontem, depois do almoço  
fiquei sabendo dos meninos  
os mesmos que vc cheira em pó os ossos  
numa noite de disco brilhante  
os meninos que todos os dias pelos recreios  
atiram contra seus coleguinhas na escola  
as balas ricocheteiam nas lancheiras  
e se riem tanto até explodir  
janelinhas de dentes faltando  
dão golpes imaginários de heróis  
todos os dias pelos recreios  
um menino salva esse planeta  
que ainda nunca existiu

Como você sabe, às vezes  
atiram-atiram e podia ser verdade  
o que diz a internet e os outros meios de  
comunicação tão novos  
e antigos celulares que falam-falam das mães  
dos coleguinhas  
e algumas mães pensam  
que o primeiro mundo é um lugar  
insuportavelmente chique  
Agora é recreio e não existe mundo nenhum  
todos dão tiros imaginários pelas paredes

todos os dias um menino ao menos salva esse  
planeta  
que nunca existiu, nem mesmo ontem, agora  
depois do almoço.



V.

Ontem, para o jantar, preparei-me à mesa  
posta com as costelas de carne viva e toucinho  
penteado bem bonito e roupas são as que  
consegui comprar  
fico desconsolada a olhar para o avental, tão  
prático  
Coloquei as bonecas para dormir  
limpei os guardanapos e traveseiros  
tirei sujeiras invisíveis dos copos  
E bati no liquidificador uvas  
engrossei com açúcar, raspa de limão e no fundo  
da panela  
uma geleia quente  
lambuzei os lábios até ficarem rubros com bolhas  
de beijar  
Nas mãos há magia demais e ainda ingredientes e  
ainda poemas  
Mas não se vai nem até o umbral da porta  
sem se ter coisa alguma pra enfeitiçar  
Aqui, invariavelmente chove, e as pessoas não  
têm vontade de sair de casa.



## VI.

Eu, que vim da vida do outro planeta  
mal sei falar  
E o mundo começará logo amanhã, é o que dizem  
apenas sei fazer batatas doiradas e geleia de uva  
o que de tão vazio não se cabe num prato, nem  
sobremesa  
fico preocupada a espiar atenta resmas de papéis  
no chão  
poemas perdidos de guardanapos transparentes  
tão transparentes que já se veem os  
paralelepípedos, a areia fininha  
Estou tão preocupada, ai, logo eu, que vim da  
vida do outro planeta  
como farei para me virar, ai, nesse mar todo, tão  
silêncio?  
Apenas sobram os mapas esculpidos nas espinhas  
de peixe  
ruas que se fiam numa espinha  
uma seta  
aquela velha nossa preocupação besta, um dia um  
alguém irá te amar?

## VII.

Parece que tudo se confirma  
no boletim é bem claro e dizem que  
amanhã o mundo passará a existir  
que maçada!  
logo para mim, essa que vem da vida do outro  
planeta



## VIII.

Hoje o mundo nunca existiu  
essa é a única probabilidade de vida  
para eu que sou da vida do outro planeta  
Engasgo numa espinha de peixe  
e me enrolo nos cobertores que também não  
existiram  
ouço ao longe a caixa musical dos vizinhos  
imaginários  
E aqui estou, no mundo que nunca existiu, lendo  
comentário a vídeos  
lendo sobre a morte da mamãe dos outros  
que escrever também é própria perda  
começa-se a perder toda a vez que se toca nesse  
branco

a sirene do silêncio pegajoso apita com rapidez e  
te fecha para sempre  
uma boca de sapo  
pelo poema que perdi, pela mamãe que nunca foi  
minha

Constroem-se aviões invisíveis no deserto  
hangares incríveis sonham com ares  
é dos céus que assistimos à televisão de outrora e  
os filmes policiais

pois cruzamos todos os caminhos que não se  
cruzam  
aviões invisíveis causam terremotos no céu,  
aqui não se escuta, sonha-se com outros dias  
ultrapassaram algures a barreira do som  
para nunca permitir que se cruzem outras  
barreiras

agora caem anjos em forma de meninos sobre a  
terra.  
as formigas desse mundo caem nas correntes dos  
meus rizomazinhos de tristeza  
do lixo à pia, passando pelo fogareiro  
cruzando pelos, cabelos, sangue nos jornais e  
bilhetes perdidos  
o aparelho de som. na cama não as deixo entrar  
formariam letras de um verso no lençol branco  
até em minha casa que nunca existiu há altares

Pensei que viver seria estar no poema  
agora que o poema sempre está em mim  
não sou mais capaz de segui-lo



## IX.

Hoje, quando o mundo ainda não existia  
vomitei meu útero inteiro pela boca  
um gosto de contração amarga  
enjoada dessa raiva de não ser desse planeta  
de todas as coisas sem nenhum sentido.

Mas como nem havia mundo,  
as estrelinhas de meu ventre  
saíram flutuando pelo vazio e pelo seu afora  
e, aos poucos, lentamente,  
porque mesmo o tempo era novidade  
iam bipartindo-se, recriando-se,  
saudáveis pontinhos de luz  
pirilampos de energia dos meus sonhos  
inundavam, amamentavam de leite cósmico o  
buraco negro, até transbordar  
novamente de mundos, planetas de histórias, de  
constelações, galáxias  
de carinho  
Em algum lugar do outro planeta, mesmo que  
absolutamente não exista.







## **alerta de vírus**

### **α. Estrela de Magalhães**

hoje quem brilha é a estrela de magalhães  
acima desses céus febris e chuvosos de ontem à  
noite

e a constelação do centauro, este meio-menino,  
meio-mulher,  
apresenta-se como o profeta que indica o  
caminho

: no hay camino.

e assim confiante, prossigo a escrever  
poemas em branco

que por absolutamente não existirem  
podem soar todos sonhos de ruas e linhas de  
estrelas que se cruzam



β. Estrela Mimosa

o dia novamente  
em coma no estômago

queria pensar em flores o en chuchos  
mas teria que me mudar de continente

talvez um suicídio, mas isso é puro mal-gosto

o dia novamente  
apaga uma a uma dessas letras em brancolimpo.

mas é como tinta fresca da madrugada  
a poesia que nos falou ainda ontem  
que hoje cedo nos desfigura a navalhadas  
lentas  
fundas e sem norte  
e por esses fiozinhos de sangue salgado no  
rosto

a gente sai daqui. foi o que me  
prometeram.



γ. Gacrux

como eu imagino vc, mr. futuro, assobiando  
(esse meu amor, supernova lado b,  
coisa rara de uma constelação sem luz)

: os novos invisíveis mandam dizer  
- que meu poema pesa uma tonelada

e se deus quiser descer pra vê, que desça  
armado







δ. Estrela Pálida

hoje escrevo para os mortos

e por isso as letras não são

aqui na selva há um nevoeiro pesado

ofuscante branco

que oculta os meninos que fodem um  
formigueiro em terra viva

hahahá riem os canos  
dos soldados

que                    escondidas essas mulheres  
grávidas baioneteadas

outras menos mais mulheres troca-trocam fuzis  
por piratas de comédias românticas

ah, ofusca-nos, meu jesus meninos de olhos  
tristes

e como prosseguir?

a poesia desfaz-se nessas paragens    brancas

mal risco

macula-se

em desaparecimento

## ε. A Intrometida

: queria te escrever um poema assim  
mas era tanto tanto que nunca seria escrito,  
sabe?

exatamente o que se perde é o que se  
gostaria de estar ali

a poesia só consegue cantar  
(nesse pobre estado de permanente saudade)  
sobre tudo que já não está mais ali

como essa areinha fina que faz cócegas nas  
calçadas  
como esses poços escuros entre as estrelas que  
me olham, tuas pupilas de leitor



## A Quarta Pessoa

vem, presta atenção que a água, em sua verdade,  
nunca é doce  
: antes é o gosto de mar  
que amarga as horas  
que aninha as carnes à salga, que nos embala num  
marulho sujo.

E foi exatamente na quarta pessoa  
que escutei o isso,  
que mesmo aqui há homens que fazem coisas  
horríveis  
mentira que não adianta fechar os olhos,  
te laceram e maceram assim, vc de olhos abertos e  
sem conseguir se desligar,  
afogados lanhados em branco

Então estou aqui encolhida na praia escura  
os turistas enfurnados nas caixinhas de música  
há um condomínio, ruas mui retas & organização  
o mar é sujo, composto de animaizinhos mortos  
tudo o que foi esquecido se volta ao mar  
a água é pesada, oleosa, sem os sorrisos  
que enovelaram um dia esses sonhos.

Estou diante da máquina  
não há outros seres no horizonte  
tudo em resignação e portabilidade, máculas de  
areia úmida

mal faço um gesto simpático,  
e ela me copia.  
aceno tímida,  
e ela acena para mim mesma.  
tenho dúvidas, é tudo bem terrível  
isso do futuro, sem um olho, uma confirmação do  
pior

como se nas meninges eu tivesse fones de ouvido  
implantados e é  
só um ruído sujo, murmurejo, um rádio de ondas  
curtas quebrado sintonizando,  
seria eu Jéssica ou Ana ou uma outra Márcia,  
tantas,  
as ideias todas e nenhuma, como nos filmes de  
bombardeios  
as conjugações pertencem a um eu, um outro.

E eu ali, sozinhas espremidas na faixa de areia  
entre dúvidas.

O céu baixo, encaixotados turistas com suas

músicas,  
baleias imóveis que se esqueceram de como  
sonhar  
com os dias, em que ainda existia um mundo.

Mal me reconheço, mas a voz é idêntica, abafada,  
microfonada,  
aqui já não sou  
e nem por isso sinto algum abraço, algo que me  
diga: - te quero bem, menina.  
E então lá somos todos assim, já não somos  
descarnados, desconjugados de membros e pele.

Me acenam: aceno de volta por um braço tatuado  
“hello word!”  
aceno a todos, com o braço que poderia ser  
idêntico,  
mas se proliferam em espécies, textura,  
a cada um, o infinitéssimo da escolha e não  
somos o finalmente eu,  
mas jamais seremos o nós, nem o você ou o  
aquele velho trouxa  
aqui já não se diz isso  
pois há gestos horríveis que ainda não foram  
nombrados,  
essa ameaça da beleza tenebrosa que virá nos  
visitar sem consentimento.



Mas veja: é real, real mais que o real, é o  
inacreditável  
tudo o que esperamos, o Grande Plugue que  
revolveria terras,  
arrasaria sonhos e olhos cegos, atrofiaria  
membros  
e criaria uma pessoa, longe do eu, de você e  
vocês aí,  
o inverso, o contido em nós e ao mesmo tempo  
neles  
a quarta pessoa  
o nascimento, a resposta alienígena de nós  
mesmos  
ao que se move ali, no outro universo branco que  
tocamos  
devagarinho,

vem, e se você estiver,  
aí do outro lado,  
por favor, arranja uma casa de molusco e põe a  
concha nos ouvidos,  
(mas se estiver longe do mar, esse mar tão  
monstruoso, que nos come adentro,  
também não tem problema  
: vira de costas pra uma avenida e fecha os olhos).

Escuta o mar pra mim, escuta. Ouve o marulho?  
Salga tuas orelhas por amor.  
Desculpa, mas o mar e os meus dias sempre  
correram ao largo  
- tão de longe, é isso dos sargaços.







#### **IV. Certos agradecimentos em ordem alfabética**

a um monte de gente que esqueci, mas está aqui

alejandro, bruna, canek (o supercão), caqui, catrópa, daud, dirceu, ez, Fábio, lelê, maiara, manu, marcinha, mari flesch, meus pais e o beto, paulos: ferraz, moura e rona, renan, sentelhas, vivian querida

Este livro não estaria nas tuas mãos sem o apoio de



**GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO**

## V. Direitos Autorais

Esta obra entrará em domínio público no ano de 2017.

(nada mais bonito de presente para meu 38º aniversário)

Importante: Para a composição, redação, correção, diagramação, enfim, todas as etapas que envolvem a construção deste objeto-livro, foram utilizados programas que podem ser usados, copiados, estudados e redistribuídos sem restrições – os conhecidos softwares livres.

São eles:

GNU/Linux, Firefox, Open Office, GIMP, Inkscape, Scribus

As fontes usadas na capa e no miolo também são livres. São elas:

Sybil Green, Angostura, OFL Sorts Mill Goudy

Code is Poetry. Salve.





ANA RÜSCHE nasceu em São Paulo, 1979. É verdade que conheceu Ubatuba logo na infância. E que tem um cachorrinho.

Publicou os livros de poesia *Rasgada* (edição de autor, 2005, que foi traduzido e publicado no México, trad. Alan Mills e Alberto Trejo, Editora Limón Partido, 2008) e *Sarabanda* (Selo Demônio Negro, 2007). Também escreveu o romance *Acordados* (Selo Demônio Negro, 2007), editado com o apoio do PAC – Secretaria de Estado de Cultura.

Dos prêmios, gosta de falar sobre a menção honrosa do Prêmio Nascente USP 2008 pela novela inédita *Do Amor – O Dia em que Rimbaud decidiu vender Armas*, a qual deu origem à peça *O Amor nos Tempos de Câmera*, encenada durante as Satyrianas em 2007 e publicada na antologia *Dramamix* (Imprensa Oficial, 2009).

Ainda organizou e participou de tantos festivais, antologias e revistas, nacionais e internacionais. Foi traduzida para o catalão, espanhol e inglês. Ministra oficinas de criação. Desde 2004, participa de publicações e projetos eletrônicos. No [www.anarusche.com](http://www.anarusche.com), escreve quase todos os dias (blogue intitulado *Contrabandistas de Peluche*).

O algo-a-mais pergunte ao Google – tudo indica que ele sabe o suficiente. O que, às vezes, não passa de bem pouco. ;)



## **I. Município de Ubatuba, janeiro de 1983.....7**

a folha.....	9
testemunha n°3.....	10
testemunha n°1.....	13
testemunha n°2.....	15
testemunha n°4.....	17
testemunha n°2, bis.....	19
testemunha n°1, bis.....	20
testemunha n°4, bis.....	21
testemunha n°3, bis.....	24
O Grande Plugue.....	27

## **II. Município de São Paulo, outubro de 2009..... 29**

são esses dias de lua.....	31
as conhecidas.....	39
us abdome total.....	41
o jardim dos meus quatro pontos cardeais.....	43
veja, foi um delito involuntário.....	45
num quando.....	47
depois.....	51
antes do depois.....	52
dias com luz. pouca.....	54
buganv, oquê?.....	60
os papéis.....	63
culinária doméstica.....	65
mesmas duas.....	69
anotação.....	70

(livro sem poema de amor não é livro).....	73
<b>III. Município de Ubatuba, janeiro de 2037 .....</b>	<b>77</b>
whiteout .....	79
eu própria sou a vida no outro planeta .....	81
alerta de vírus .....	98
A Quarta Pessoa .....	110
<b>IV. Certos agradecimentos em ordem alfabética .....</b>	<b>118</b>
<b>V. Direitos Autorais .....</b>	<b>119</b>